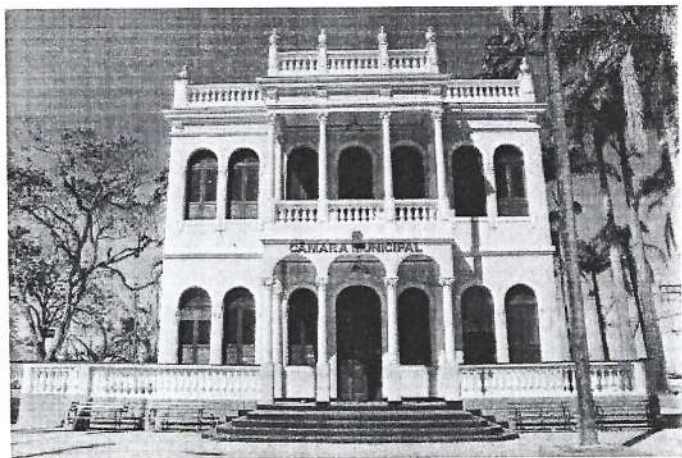


# Lendas Macaenses



A Loira da Ponte da Barra

Papa Lambida

Lenda do Solar dos Mellos

Lenda de Motta Coqueiro

Lenda do Vinagre

Porquinha de Tamancos

Biquinha do Amor

João Girá

Lenda de Santana

História Malcontada

# A LOIRA DA PONTE DE MACAÉ

Quando a Ponte Velha de Macaé-RJ existia e era o único caminho para ir do Centro da Cidade ao bairro da Barra, havia uma moça loira muito linda e que seu maior sonho era se casar.

Não demorou muito e arranjou um noivo, um rapaz bem abastado da cidade que prometeu-lhe uma vida longa e feliz.

Então ela logo tratou de arranjar um vestido de noiva. Procurou em todos os lugares até que encontrou um. O vestido parecia que tinha sido feito para ela, era como se houvesse uma ligação entre os dois. Ela comprou o vestido e voltou pra casa já sonhando com o dia que seria o mais feliz de sua vida.

Só que a felicidade dela iria durar pouco, porque quando a moça voltava da loja de vestidos, o motorista do veículo que ela estava perdeu o controle e o ônibus caiu da ponte.

Todos conseguiram voltar à superfície, inclusive a noiva. Porém, quando já estava em terra firme, se deu conta de que tinha se esquecido do vestido no ônibus e resolveu nadar até lá.

Todos disseram que era loucura, pediram para ela não ir, mas ela foi ... e não voltou. Seu corpo nunca mais foi encontrado.

Vários motoristas na madrugada dizem ter visto uma noiva, que tem seus belos cabelos loiros misturados ao brilho do luar, caminhando pela Ponte Velha e outros dizem vê-la pedindo carona na nova ponte que é bem maior que a velha.

Por isso, se alguma noite você passar pela ponte... Cuidado! A loira da ponte pode estar por lá a procura de um novo marido.

# PAPA LAMBIDA

Nas ruas de Macaé, quando menos se esperava ouvia-se esse barulho: tilim, tilim,tilim,tilim... Era o vendedor de papas de milho que vinha com seu tabuleiro.

Os mais gulosos corriam para comprar papas. Os mais medrosos corriam para se esconderem do famoso Papa Lambida. É que o vendedor tinha uma aparência muito estranha. E as mães viviam dizendo para as crianças:

\_\_ Olha que Papa Lambida vai te pegar!

É isso mesmo, o vendedor de papas era horrível e assustador. E as mães viviam ameaçando as crianças quando elas faziam alguma coisa de errado.

Mas não foi por causa disso que ele ficou famoso não! A pobre criatura morava com sua esposa numa casa bem humilde. E vivia de fazer papas de milho para vender no centro da cidade.

A mulher preparava o tabuleiro de papas e depois cortava em pedaços, colocava no tabuleiro e contava quantos havia e dizia:

\_\_ Anda, infeliz! Vá vender as papas! E olha que eu sei quantos pedaços tem aí. Não vai comer nem um pedacinho!

\_\_ Ora, mulher, só um pedacinho, vai? pedia ele.

\_\_ Deixa de ser esfomeado. Precisamos de dinheiro! ela sempre respondia.

Cheio de desejo, o pobre homem, não conseguia resistir. Olhava para a papa e pensava na sua mulher.

Certo dia, ele teve uma grande ideia.

\_\_ Ora, se eu não posso comer as papas, ao menos, posso sentir seu sabor. Se eu der uma lambidela em cada uma delas, eu acabo com a minha vontade.

E uma a uma, todas as papas eram lambidas. E depois colocadas no tabuleiro e lá ia ele tocando o seu sininho: tilim, tilim,tilim...

Em pouco tempo, o tabuleiro ficava vazio. E Papa Lambida voltava para casa e buscava mais papas. Elas eram tão gostosas, tão gostosas que as mulheres da cidade viviam pedindo a receita. E o homem não fazia questão de dar não. Só que nenhuma papa feita pelas mulheres se comparava em sabor àquelas vendidas por Papa Lambida. Porque o ingrediente final só ele tinha e não revelava.

Muito tempo depois, até descobriram. Mas as pessoas já estavam viciadas e ninguém conseguia resistir a uma deliciosa papa lambida!

# A LENDA DO SOLAR

Há muito tempo, o Barão de Povoá de Varzim estava visitando Macaé e ficou encantado com a beleza da cidade. Resolveu então construir a beira do Rio Macaé uma bela residência para passar temporadas.

Contavam nossos avós, que o Barão dava grandiosas festas. O barulho das músicas ouvia-se longe. O tilintar de garfos, facas e copos faziam-nos saber da grande ceia sempre servida a meia noite.

Um dia o barão adoeceu e, como em Macaé não havia tratamento digno de um barão, foi morar no Rio de Janeiro e lá acabou morrendo. A família que foi morar com ele nunca mais por aqui retornou, de modo que o Solar ficou fechado por muito tempo.

Mas o que é bonito, quando abandonado, chama atenção. E o casarão começou a despertar interesse naquelas pessoas que não tinham onde morar adotando o casarão como sua nova moradia.

Acontece que a maioria das pessoas não conseguia ficar lá mais do que uma noite, porque a meia-noite um relógio que ninguém via começava a badalar: blom, blom, blom... E o barulho de jantares, com garfos e facas tinindo nos pratos, seguidos de festas e arrastapés, barulho de descargas nos banheiros e gargalhadas homéricas faziam as pessoas saírem correndo de lá.

Mas tem sempre aqueles menos medrosos que resistiam e continuavam no Solar e no terceiro dia desapareciam e nunca mais eram vistos na cidade.

Muitos anos se passaram. Na cidade, todos se perguntavam o que teria acontecido com tais pessoas. Cruz credo! Ave Maria! Ninguém se atrevia a passar perto do casarão.

Até que um dia, tudo foi esclarecido. É que as pessoas que ficavam no casarão por mais de uma noite, amanheciam com sexo trocado. Isto é, homens viravam mulheres e mulheres viravam homens. E por essa razão, eles ficavam envergonhados e desapareciam da cidade. Quem esclareceu tudo isso foi uma das vítimas que resolveu assumir sua nova identidade.

Na época, os macaenses que gostavam de ser como eram, passavam bem longe do Solar. Tinham medo de surpresas desagradáveis

De qualquer forma, foi uma pena a demolição do Solar! Já imaginaram quanto pagariam algumas pessoas atualmente, só para se hospedarem lá?!

# A LENDA DE MOTTA COQUEIRO

Conta a lenda que Manuel da Motta Coqueiro, filho de José da Motta e Ana Francisca do Nascimento, viveu cinquenta e três anos. Do seu casamento com Úrsula das Virgens Cabral, teve três filhos: Benedito, Ana e Domingas.

O apelido "Coqueiro" não consta oficialmente no nome de seus descendentes e ascendentes. Forte e enérgico, Coqueiro destacava-se, também, por uma pigmentação escura no rosto. Pobre e trabalhador, conseguiu acumular um patrimônio significativo. Dentre eles, terras de sesmaria em Macabu, que pertencia a Macaé, Estado do Rio de Janeiro, um sítio Bananal, à margem do rio Macabu, com seiscentas braçadas de testada e meia légua de fundos, treze animais, pastos, lavouras, vinte e cinco escravos e objetos de valor numa casa em Campos dos Goytacazes.

A tranquilidade de Coqueiro e da pacata Macahé acabou, quando no dia quinze de setembro de 1852, um inspetor de quartelão em Carapebus - André Ferreira dos Santos - oficia ao subdelegado da mesma Freguesia, comunicando-lhe um bárbaro crime. Francisco Benedito da Silva e toda sua família tinham sido encontrados mortos, em putrefação, e queimada a casa em que se encontravam, em Macabu. Constava, nessa notícia que Manuel da Motta Coqueiro mandara seus escravos assassinar toda a família, no domingo à noite, doze de setembro e que, no dia seguinte, mandara colocar fogo.

Logo após esta notícia, que transformaria a Macahé e se misturaria com sua história anos mais tarde, aparecera a declaração divulgada pelo Governo que dizia: "Por ordem do Sr. Chefe de Polícia de Província, com autorização da Presidência, faço público que se dará a quantia de dois contos de réis, a quem descobrir o paradeiro de Manuel da Motta Coqueiro e seus escravos, autores dos assassinatos praticados nos sertões de Macabu, em Macahé, de uma família inteira.

Em dezessete de outubro de 1852, Motta Coqueiro é capturado pelo inspetor de quartelão, no Rio Preto. Por ordem do subdelegado de Barra Mansa, em 21 de outubro de 1852, Motta Coqueiro é enviado ao delegado de Polícia do município de Campos.

Em 22 de Janeiro de 1853, depois de uma sessão de júri, que durou 48 horas, foram condenados à última pena de morte ocorrida no Brasil, Motta Coqueiro, Faustino Florentino e o negro Domingos, os quais protestavam por novo julgamento. No Jornal do comércio de 04 de março de 1855, lia-se o seguinte: "Ontem, às 9 horas da manhã, chegou ao arsenal da Marinha, o réu Manuel da Motta Coqueiro, condenado à pena última pelo bárbaro assassinato de uma família inteira, e embarcou logo para o vapor de guerra P.II., que, imediatamente, seguiu barra a fora, para conduzir o réu a Macahé, onde tem de ser executado no dia 06 do corrente ano".

Motta Coqueiro foi enforcado numa quarta-feira, dia 07 de março de 1855, depois de ter assistido à execução dos seus co-réus. A população testemunhou, assim, pela segunda vez, o horrível espetáculo na velha Praça de Luz, hoje terreno do prédio do Colégio Estadual Luiz Reid e da FAFIMA - Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Macaé. No patíbulo (palco tipicamente de madeira, usado para execução), Motta Coqueiro, tomado de extremo ódio da sociedade, teria lançado sobre a cidade de Macahé, praga de "Cem anos de maldição". A partir desta data e da maldição do enforcado, para os macaenses supersticiosos, qualquer situação desdita resultaria da praga do enforcado. Com o primeiro centenário da execução 06 de março de 1955 - e a chegada da Petrobras na cidade, foi extinto o prazo da maldição.

Alguns anos mais tarde, descobriram-se através de evidências escondidas na época que Motta Coqueiro era inocente e tivera sido enforcado sem culpa.

Infelizmente, dizem até hoje, pelas redondezas do quartelão do Colégio Estadual Luiz Reid e da FAFIMA, nas altas horas da noite, algumas pessoas veem vultos e ouvem barulhos de correntes arrastando-se pelas calçadas. Alguns afirmam veemente, que o vulto branco e fantasmagórico, além das longas correntes e do som lúgubre de intensos gemidos, são do enforcado.

# A LENDA DO VINAGRE

Conta-se que há muito tempo passava por Macaé um grande navio chamado "Hermes". Ele trazia muitos tripulantes importantes, entre eles o escritor Manoel de Antonio de Almeida autor de Memórias do Sargento de Milícias.

Aproximando-se da cidade, o navio, sem nenhuma causa aparente, começou a afundar e todos os tripulantes naufragaram.

Ao perceberem tal situação, muitos pescadores foram para o mar a fim de socorrer os náufragos. Um dos pescadores era um mulato destemido conhecido pelo apelido Vinagre.

Ele vinha no seu bote, quando um dos infelizes náufragos se debatia na água e aproximou-se do seu barco grudando as bordas com uma das mãos. E com outra mão, que tentava manter erguida fora da água, ele segurava um maço de dinheiro.

Os olhos de Vinagre incendiaram-se à vista do dinheiro.

E num relance, maquinou horrendo crime: prendeu a mão do infeliz, tirou-lhe o maço de notas e com uma machadada firme decepou-lhe o pulso da mão que estava presa à borda.

Conta a história, que ao afasta-se do local, ainda ouviu a maldição de sua vítima:

\_\_ Maldito! Ainda hás de morrer afogado!

Vinagre abandonou as pescarias e passou a viver com a aplicação do dinheiro da infâmia. Evitava o rio e o mar. Evitava até atravessar a ponte sobre o Rio Macaé.

Mas muitos anos se passaram e houve uma grande tormenta na cidade. Nas ruas acumulavam-se grandes poças d'água. Vinagre vindo, não sei de onde, tentava chegar até a sua casa, quando sentiu uma ligeira vertigem e caiu no solo encharcado.

Hora depois, os parentes, pasmos, intrigados, recolhiam o corpo do Vinagre, afogado numa simples poça de lama.



# PORQUINHA DE TAMANCOS

(Essa história aconteceu na Serra de Macaé)

Havia uma menina chamada Tetê, por certo muito levada, que conversava com seu amigo Mateus a respeito da tal porquinha de tamancos.

\_\_ Mateus, você ouvir falar na porquinha de tamancos?

\_\_ Não.

\_\_ Minha avó conta que essa porca selvagem existe e ela é enorme, feia, com dentes grandes e barulhentos que se esconde atrás da moita esperando crianças e adultos que perambulam pela noite sujando e desmatando a mata e quando encontra, ela ataca correndo atrás com seus dentes enormes.

Nesse momento, Mateus escuta um barulho estranho vindo da mata como se fosse som de tamancos.

É que Tetê havia aprontado uma surpresa para Mateus. Pegou uma porquinha do quintal de sua casa e colocou os tamancos de sua avó nela.

Quando Mateus viu aquilo, ficou assustado e com medo. Mas nesse mesmo instante, a mãe de Tetê grita da janela:

\_\_ Tetê, onde estão os tamancos de sua avó?

Mateus percebe que foi enganado por Tetê e fica furioso.

Mas enquanto o menino briga com Tetê, esta avista a verdadeira porquinha de tamancos.

Assustada a menina tenta chamar a atenção de Mateus que aceita ser mais uma das brincadeiras de Tetê.

Porém Tetê sai correndo de medo. Então Mateus vira-se e vê a verdadeira porquinha selvagem que com os olhos arregalados e aqueles dentes enormes sai correndo atrás dos dois...

\_\_ Socorro!...

# LENDA DA BIQUINHA DO AMOR

Essa história se passa no distrito de Glicério, na Região Serrana de Macaé. Conta-se que há muito tempo, quando não havia água encanada em Glicério, as pessoas iam buscar o líquido precioso em uma bica distante. Caminhavam, caminhavam muito até chegar à biquinha.

Lá morava uma moça morena, com lindos cabelos compridos e encaracolados, muito simpática e que gostava mesmo era de passear. Mas, na hora dos afazeres domésticos, era um Deus nos acuda. Precisava que o pai falasse muitas vezes:

\_\_Oh, menina, vá pegar água na bica...

Só então ela ia. Afinal ,naquela época, as filhas não desobedeciam seus pais.

Em uma das suas idas à bica (forçada é claro), essa moça conheceu um rapaz (e que rapaz!) . Era um rapaz moreno, alto, simpático e muito sedutor.

Os olhares dos dois se encontraram... Até que um dia, esta moça demonstrou o quanto estava alegre e satisfeita e não deu outra... Os dois, começaram a namorar!

Todos os dias se encontravam quando ela ia à bica buscar água. O pai da moça, desconfiado por ver que ela tinha vontade e disposição para pegar água, seguiu-a até a bica.

Lá o pai rabugento descobriu o romance da filha. Brigou com ela e a separou do namorado que ficou com tanto medo do bravo homem que foi embora e nunca mais voltou.

A moça? Ah... a moça morreu de saudades do namorado.

Mas, dizem por aí, que todas as noites, à meia noite, ela aparece na bica a espera do namorado.

Essa fonte passou a chamar-se biquinha do amor.



# LENDA DO JOÃO GIRÁ

Há muito tempo, num lugar perto daqui, havia um curioso menino chamado João Girá. Ele gostava muito de brincar livremente com seus amigos, correndo na floresta e tomando banho no rio límpido que passava no meio da cidade. Era um feliz menino do interior, mas tinha uma brincadeira muito desagradável: matar passarinho com sua atiradeira. Tinha uma mira certa e matava muitos pássaros.

A sua tia Jiló sempre conversava com ele e explicava que era para deixar os pássaros em paz, porém ele não obedecia.

Certo dia, João Girá matou uma ave preciosa e sua tia ficou muito decepcionada e brava. Resolveu puni-lo, colocando de castigo e sem almoço por um dia.

O menino não se conformou, mas ficou no castigo. Quando a fome apertou, fez algo horrível e imperdoável: matou o passarinho da tia que estava na gaiola e comeu.

Desta vez, não será só castigado pela tia Jiló. Será punido severamente e a história não terá um final feliz.

O menino não sabia que o pássaro que havia devorado era encantado. Então, logo que chegou lá dentro da barriga de João Girá... bateu suas asas mágicas e saiu voando, explodindo a barriga do desobediente menino. Infelizmente, João Girá morreu e a tia Jiló ficou muito triste.

O pássaro encantado e todos os outros pássaros da região tiveram sossego definitivo, pois a história se espalhou para todos os lugares e todos os meninos e meninas do mundo inteiro entenderam que matar passarinho não é legal.

# LENDA DE SANTANA

Macaé é uma cidade erguida entre o Mar e a Serra. E entre o mar e a serra existe um pequeno morro chamado Morro de Santana, de onde podemos avistar o Mar, com suas belas ilhas e a serra com suas belas montanhas.

Conta a Lenda que ali naquele morro, os Padres Jesuítas, construíram um pequeno santuário para abrigar a imagem de Santana e prometeram que em breve construiriam uma igreja para ela.

Mas o tempo passava e nada da igreja ficar pronta!

Em uma das ilhas, chamada Ilha do Francês, que por sinal era a maior, morava um pescador francês que era apaixonado pela beleza da ilha e sonhava fazer lá uma colônia de pescadores com os colegas. Mas para isso precisava de força superior para protegê-los. Todos eram devotos de Nossa Senhora de Santana que dava nome ao morro onde ficava o pequeno santuário.

Então eles tiveram uma ideia de construírem na ilha a igreja que os padres Jesuítas haviam planejado de construir no morro. Mas para isso seria necessário que a Santa se manifestasse favoravelmente e os padres se convencessem de que ela preferia a Ilha.

Um belo dia, os padres ao visitarem o santuário, não encontraram a imagem de Nossa Senhora de Santana. No altar, apenas a toalha bordada em ouro o forrava.

Naquele tempo ninguém imaginava haver a menor possibilidade da santa ter sido roubada, pois as pessoas não aceitavam a profanação, não acreditava que tal ato poderia ser praticado contra a santidade. O que teria acontecido então?

Dias se passaram sem ninguém dar por sabido o paradeiro da santa, até que um pescador ao chegar da ilha anunciou o feliz achado. A santa estava na ilha do Francês. Então os Jesuítas pediram aos pescadores que fossem buscá-la.

*Lá vão os pescadores*

*De volta para o mar*

*Em busca de Santana*

*Que não queria voltar!*

Os pescadores retornaram e entregaram a imagem aos Jesuítas que ao colocaram no altar.

Passado algum tempo, quando ninguém mais se lembrava do acontecido a santa desapareceu outra vez. Os Jesuítas, desta vez, tranquilos, foram ao porto pedir pescadores que fossem buscar a santa na ilha.

*Lá vão os pescadores  
De volta para o mar  
Em busca de Santana  
Que não queria voltar!*

Os pescadores novamente entregaram a imagem aos Jesuítas. Mas estava claro que a Santa ia para lá com seus próprios pés.

E pela terceira vez ela fugiu para ilha.

*Lá vão os pescadores  
De volta para o mar  
Em busca de Santana  
Que não queria voltar!*

E assim os pescadores tentaram convencer os Jesuítas a construírem a Igreja lá no local de seu aparecimento.

Mas os Jesuítas não foram convencidos e resolveram fazer um acordo tripartite, isto é, um acordo entre padres, pescadores e santa: a Ilha do Francês ganharia o nome da santa, que até hoje se chama Ilha de Santana: a ilha ao lado que não tinha nome se chamaria Ilha do Francês e a igreja seria construída no morro, conforme o desejo dos padres.

E assim foi feito. Os Jesuítas estavam convencidos da paixão da Santa pela ilha, e por vias das dúvidas, apesar do acordo, construíram a igreja de costas para ilha, para que quando a porta estivesse aberta, a ilha não fosse vista e a santa fugisse novamente para matar a saudade.

Os Jesuítas ficaram satisfeitos, os pescadores aceitaram de bom grado o acordo. Mas a Santa, essa ninguém sabe. Porque nem havia completado um século de acordo, ela desapareceu da igreja pela quarta vez.

O zelador da igreja acredita que ela foi roubado. Mas em vista do passado eu acredito que a santa fugiu.

*Lá vão os pescadores  
De volta para o mar  
Em busca de Santana  
Que não queria voltar!*

# “HISTÓRIA MALCONTADA”

## Carlos Drummond de Andrade

A História de Chapeuzinho Vermelho sempre me pareceu mal contada, e não há esperança de se conhecer exatamente o que se passou entre ela, a avozinha e o lobo.

Começa que Chapeuzinho jamais chegara depois do lobo, à choupana da avozinha. Na escola, ela vencera o campeonato infantil de corrida a pé, e normalmente não andava a passos lentos, mas sim com ligeireza de lebre. Por sua vez, o lobo se queixava de dores reumáticas, e foi isto, justamente, que fez Chapeuzinho condoer-se dele. Coitado!

Estes são pormenores da história, ouvida por Tia Nicota, no começo do século, em Macaé. Segundo ali se dizia, Chapeuzinho e o lobo se entenderam bem e resolveram se casar. Ela estava persuadida de que o lobo era um príncipe encantado e que o casamento o faria voltar ao estado natural. Seriam felizes, teriam gêmeos. A avozinha opôs-se ao enlace, e houve na choupana uma cena desagradável entre os três.

O lobo não era absolutamente príncipe, e Chapeuzinho, unindo-se a ele, transformou-se em loba perfeita, que há tempos ainda uivava à noite, nas cercanias de Macaé.

Então... se ouvir algum uivo em noite de lua cheia, pode ser a loba transformada arrependida de suas ações impensadas.